

ELO: OBJETO DE APRENDIZAGEM POÉTICO COMO UMA CONSTRUÇÃO SIMULTÂNEA ENTRE OBRA, ARTISTA E EDUCATIVO

ELO: POETIC LEARNING OBJECT AS A SIMULTANEOUS CONSTRUCTION BETWEEN WORK, ARTIST AND EDUCATIONAL

Felipi Souza dos Santos / UnB

RESUMO

Por um processo compartilhado, a construção de uma obra e seu educativo é o interesse deste texto que ao considerar a estética relacional (Bourriaud, 2009), experiência (Dewey, 2010) e uma lógica do sentido (Deleuze, 1998) estabelece íntima relação das metodologias da educação no processo artístico e do fazer e ser artista no processo educativo não formal. Na forma de narrativa de processos, decisões e desejos são organizados de dentro para fora, do conceito para a palavra. Como resultado, é apresentado um objeto educativo entendido com o um objeto de aprendizagem poético chamado de Elo.

PALAVRAS-CHAVE

Educativo; Arte Relacional; Experiência; Preamar.

ABSTRACT

For a shared process, a construction of a work and its educational is the interest of this text that when considering a relational aesthetic (Bourriaud, 2009), experience (Dewey, 2010) and a logic of meaning (Deleuze, 1998) The process of education formal education is an educational process.

In the form of narrative processes, decisions and desires are organized from the inside out, from the concept of a word. As a result, an educational object with a poetic learning object called Elo is presented.

KEYWORDS

Elo; Educational; Relational Art; Experience; Preamar.

O Artista ao avesso (de dentro para fora)

Os modos que, como pesquisadores, nos colocamos naquilo que escrevemos ao fim de um processo de investigação narram, para além de resultados obtidos a partir da interpretação de dados e experimentos baseados em hipóteses, as experiências pessoais e as transformações de nossas próprias vidas, sejam elas de grandes e caudalosas correntes produtivas ou o silêncio das águas paradas de uma fria represa.

Aprecio a imagem dos líquidos em seus diversos sistemas. Comumente cíclicos, tais sistemas não são estáticos, mas estão em constantes transformações de estados e formas assim como nossas certezas. Se até a mais caudalosa cachoeira pode um dia secar e o mais belo rio pode morrer, quem dirá minhas palavras aqui escritas sobre rochas para as futuras gerações. A certeza que temos é o incerto.

Portanto, nossa intenção se move na direção de dentro para fora. E por esse motivo não funciona como performance, porque meu corpo em ação artística não é uma fronteira perene para trocas de sentidos. Ou seja, eu me transformo primeiro em matéria perene onde minhas superfícies cria trocas pelas palavras e pelos toques.

Mas como ser acessível se as palavras não fluem da minha boca, se eu nem sou capaz de discutir minhas percepções verbalmente. Como ser correspondido?

Fato é que as pessoas são seres relacionais, organizados em sistemas que os aproximam. As famílias, as comunidades e a própria cultura são estruturas que compõe e demonstram como nossos sentidos de pertencimento estão inseridos em nós. Somos formados por sobreposições de relações e afetos. Embora estas relações existam em diversos níveis, as profundidades que elas possuem são relativas e dependem de duas variáveis: o eu e o outro.

Enxergo níveis como as marés em suas altas e baixas. As águas que tocam e cobrem as areias não são as mesmas, mas o mar é o mesmo com todas as suas

águas. Os níveis se tratam, portanto, de movimentos de aproximação e afastamento do mar em relação a costa. Tal movimento não possui constância, mas, sempre diferentes, acontecem. De forma mais clara, níveis são como as diferenças entre nossas relações. Mas a profundidade é o quanto essa relação tem importância.

Quando a profundidade está alinhada entre os dois indivíduos dessa relação temos uma correspondência. Ser correspondido é certeza de uma boa relação.

Mas e quando um quiser subir para respirar? Ou quando um quiser se aprofundar mais? Como fazer para pegar na mão do outro e convidá-lo para mais profundo? Essa é a minha grande preocupação como artista: Quando o objeto artístico está vinculado a tantas outras coisas, como posso aproximar as pessoas a partir do que elas veem? Tenho compreendido que o principal ato artístico que posso elaborar é a entrega pessoal por um método que tenha a educação como veículo.

Buscando responder como o relacional pode ser artístico, proponho então um educativo construído simultaneamente com a obra "PREAMAR". Um projeto que alcance e convide ao aprofundamento pessoas que ainda não conheço. Um educativo feito para ser usado de diversas formas, feito para aprender, feito para pensar, feito para se mover, feito para ser pessoal. É um artista fazendo seu próprio educativo, um arte-educador que se faz de artista para ensinar e aprender, um mediador de si mesmo.

Sobre Marés e Sentido

É perceptível que grande parte das minhas produções como artista mantém relação com os líquidos, onde suas representações trouxessem sentidos e significados sobre experiências e percepções inerentes à natureza humana.

Quando mencionado meus interesses pela natureza humana e os líquidos, a principal recomendação de referência menciona o sociólogo Zygmunt Bauman e sua

extensa produção bibliográfica que trata de uma modernidade líquida e a perda da qualidade das relações humanas.

Apesar da aproximação entre o que eu propus em mente, e o modo como Bauman (2000) utiliza o líquido como imagem para seu discurso, tenho um conflito unilateral com algumas afirmações realizadas por ele, porque são como diagnósticos de uma realidade que não pode ser corrigida. Ele afirma que “Ninguém ficaria surpreso ou intrigado pela evidente escassez de pessoas que se disporiam a ser revolucionários”, sendo para ele revolucionários o “tipo de pessoas que articulam o desejo de mudar seus planos individuais como projeto para mudar a ordem da sociedade” (BAUMAN, 2000, p.12).

Poderia desmenti-lo com alguns exemplos de pessoas que mudaram seus planos e se tornaram revolucionárias, mas, apesar da dureza, socialmente ele tem razão. Para quem acreditava ser assertivo nas próprias escolhas, encontrar-me com as palavras de Bauman foi a quebra necessária para percorrer caminhos contrários à minha individualidade, meus desejos e certezas.

Nessa nova forma de enxergar a liquidez humana, venho associa-la ao sentido das coisas. Sentidos como percepção que pertence ao íntimo e não pode ser verbalizada, porque embora ele esteja “sempre pressuposto desde que eu comece a falar”, eu “nunca digo o sentido daquilo que digo. Mas, em compensação, posso sempre tomar o sentido do que digo como objeto de uma outra proposição, da qual, por sua vez, não digo o sentido” (DELEUZE, 1998, p.31).

Explico estas coisas, pois, ao propor sentidos líquidos, os sentidos do que digo são objetos para outras proposições, que também não podem ser ditos os seus sentidos. Essa “proliferação indefinida” (DELEUZE, 1998, p.31) associada aos líquidos torna tudo muito difícil de se manipular e ter controle.

Saber que:

“Nós somos responsáveis pelo outro, estando atento a isto ou não, desejando ou não, torcendo positivamente ou indo contra, pela simples razão de que, em nosso mundo globalizado, tudo o que fazemos (ou deixamos de fazer) tem impacto na vida de todo mundo e tudo o que as pessoas fazem (ou se privam de fazer) acaba afetando nossas vidas.” (BAUMAN, 2000, p.12)

leva-me a entender que os sentidos líquidos pressupõem as relações. Afim de organizar tais sentidos de modos a pensar os níveis de relações nas quais estava interessado em investigar em meus trabalhos artísticos, considereei como direções possíveis seis sentidos (Figura 1). A saber:

Sentidos de Perda	No que tange o descontrole total como o líquido se tornar vapor, o sentido aqui apresentado articula o sentimento de quem perde, reações diante da morte, do afastamento, da perda de esperança. É a incapacidade de encapsular, a não ser pelo resfriamento ou aumento da pressão.
Sentidos de Percepção	Os detalhes dos instantes não percebidos podem revelar e surpreender. Uma conversa do que se vê, e o que na verdade é no instante desejado. A seleção do que se quer acreditar.
Sentidos de Elo	Relação promovida. Este sentido aborda os fluidos nos contatos mais simples aos mais íntimos, <u>dialoga</u> a necessidade do outro e as mecânicas dos cheios e vazios.
Sentidos do Auto	Íntimo e pessoal, a parte mais verdadeira de quem se é. Um sigilo que faz entender quem se é diante de outros. Tempo de construir pela dor e conclusões não percebidas no coletivo. O não gostar de si faz até parte, mas praticar auto aceitação fundamenta este processo.
Sentidos de Trans	O momento em que se deixa de ser. Fase do processo que pertence ao espiritual. Entendo que estamos falando dos sentidos, mas quando eles se confundem e não funcionam, permanece apenas a molécula que diz que se é o que se é. Poder sair de si e mover-se, constrói as certezas.
Sentido de Reles	No fim. Tudo é vaidade. Diante de todas estas grandes estruturas fluidas, que sentimento especial pode haver entre os fluidos internos e externos. A rigidez é o que não permite me misturar. Mas será que não há mistura?

Figura 1. Felipi Santos – Tabela Sentidos Fluidos, 2016-2019. Fonte: Produção do autor.

Por esses veios já foram realizados trabalhos expostos em mostras coletivas e individuais, artigos e participações em eventos. Destes destaco o trabalho “Rio” (Figura 2), exposto pela primeira vez em 2016, pelo modo como ela me abriu para o entendimento que os sentidos que organizara poderiam se sobrepor. Em um mesmo [dis]curso de águas podem existir águas paradas, quedas caudalosas, fluir limpo e

transparências. A sobreposições de sentidos me aproximou à “estética em Fluxos” proposta por Priscila Arantes (2007), onde a forma se rompe e liquefaz.



Figura 2. Felipe Santos – RIO, 2016. Xilogravura sobre papel de Arroz, 40 x 28 cm.
 Fonte: Produção do autor.

Ainda em 2016, minhas pesquisas em âmbito fotográfico me levaram a perceber que a água é transparente. Parece ser algo simples, mas vivemos cercados por imagens publicitárias de líquidos emocionantes e paradas no tempo pela tecnologia de fotografia em alta velocidade que esquecemos de outras propriedades desse material. Em “Ausência” (Figura 3) e “Partiu sem dizer Adeus”, (Figura 4) o que vemos da água são apenas as sobras e os reflexos da luz. Em ambas são destacadas., em suas diferenças, um mesmo sentido líquido: de perda.



Figura 3. Felipe Santos – *Ausência*, 2016. Série fotográfica extraída de frames de videoarte. Dimensões variáveis. Fonte: Produção do autor.

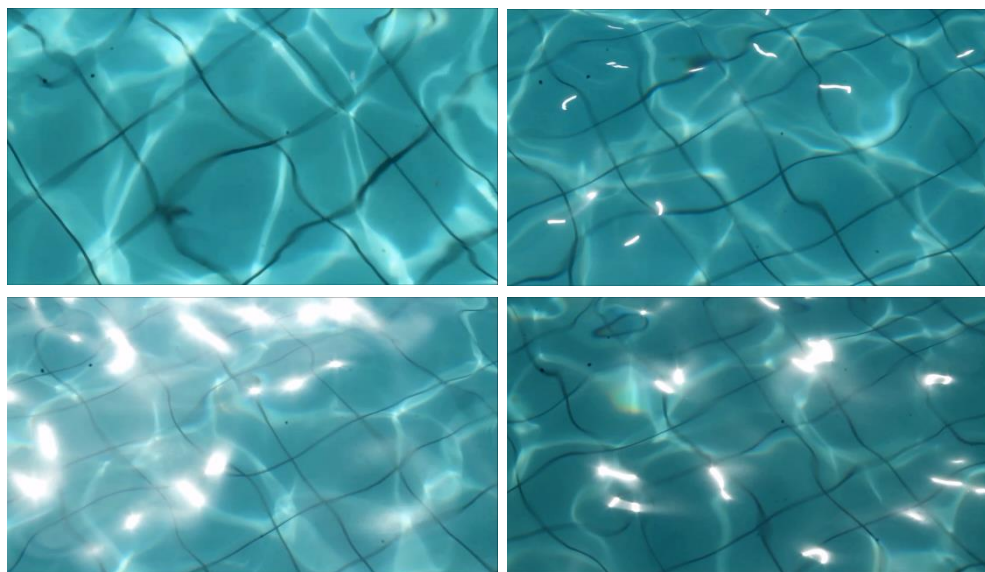


Figura 4. Felipe Santos – *RIO*, 2016. Série fotográfica extraída de frames de videoarte. Dimensões variáveis. Fonte: Produção do autor.

Para este artigo, o trabalho “PREAMAR: Sentido do reles”. É uma instalação que foi exposta em quatro lances de escadas que permitiam acesso ao subsolo, térreo e do primeiro ao terceiro andar de um prédio comercial. Na submissão na qual fomos selecionados (artista e curadora) propomos o trabalho para uma das salas

expositivas por meio de convocatória, ao recebermos carta de aceite, nos foi disponibilizado os espaços alternativos do edifício. O projeto criado para um lugar específico precisou ser alterado por completo e conseqüentemente, os sentidos da obra também estavam passíveis à alteração. Desse modo, um trabalho que foi projetado para causar grande impacto pelas proporções do corpo com a obra que ocupa todo o espaço expositivo como a maquete à esquerda mostra (Figura 5), se voltou para a intenção do contado pela passagem casual como a maquete à direita destaca.



Figura 5. Felipe Santos – Projetos da instalação PREAMAR. Maquete do espaço expositivo. Papel e isopor. Fonte: Produção do autor.

A experiência de montagem deste trabalho tornou-se muito turbulenta pelas alterações materiais e estruturais da instalação associado a um espaço público de acesso que não poderia ser fechado durante a montagem provocando constantes pausas para conversar sobre opiniões de transeuntes e críticas da produção do espaço expositivo durante os 7 dias de montagem. Na tentativa de consolidar essa difícil experiência e buscando quais significados me fizeram tomar as decisões dessa obra, pensei em minhas próprias angústias e consegui ver afeto.

Nisto, comecei a escrever algumas “frases conceitos”, afirmações simples sobre meu íntimo, intensões e desejos. Este exercício me deu forças para acreditar que

meu trabalho era maior que eu e todas essas perguntas e opiniões que me afetavam. Mas eu ser afetado foi importante para que a obra criasse vida.

Independentemente do resultado final, PREAMAR existiu para criar relações. O que antes era impacto visual, agora é design de aproximação, o que era opressor para tornar as pessoas insignificantes diante de grandes sistemas se tornou afeto, abraços em rotinas árduas, o que era arte em galeria agora é respiro em espaço de passagem.

Como resultado, a obra se estendeu, do subsolo até o terceiro andar. Quanto mais para baixo, mais turbulento, e quanto mais se sobem as escadas, mas calmas as fitas ficam até terminar no terceiro andar com todas retas e alinhadas horizontalmente. A obra permaneceu com o título inicial PREAMAR (Figura 6), mas agora as marés falam das relações de movimentos de cheia e baixa, calmo e turbulento, superfícies e profundidades, aproximação e contato, absorção e porosidade e as sobreposições que podem acontecer.



Figura 6. Felipe Santos – PREAMAR (registro fotográfico), 2017. Instalação site-specific de emborrachado EVA sobre paredes de escadas de prédio comercial, dimensões variáveis.
Fonte: Produção do autor.

Formas de Contato

Com a obra montada, o vernissage da instalação PREAMAR foi especial. As palavras daquele dia reverberam até hoje naquilo que faço. Tive certeza que a obra funcionava em todos os detalhes e era capaz de criar relações entre mim e o público. Mas como expandir e tornar mais profundas essas novas relações. Quais novos sentidos podem existir a partir de uma relação?

Desdobrou-se, em forma de pesquisa, um material educativo da mostra que sirva para uma pessoa, duas ou mais, pois um educativo convencional em grupo não funcionaria em uma escada. Este material precisava ser feito para aprender e ao mesmo tempo provocar novos sentidos em diferentes públicos.

Para a sua elaboração, usamos o método aplicado nas pesquisas artísticas, ao considerar que “a produção teórica e o fazer artístico estão extremamente vinculados” (REY, 2002). Este material educativo começou a se tornar real no dia em que escrevi aquelas 35 frases ao estabelecer meus afetos e conceitos com o trabalho PREAMAR. Apesar da não linearidade dos acontecimentos, os organizamos em três partes diferentes: o planejamento, o método, e a elaboração.

Estar entre o Pensamento e a Palavra

Ainda baseado na lógica do sentido de Deleuze, a linguagem, oposta à nossa impotência em dizer ao mesmo tempo alguma coisa e seu sentido, ela tem poder infinito de falar sobre as palavras. Assim “um nome que designa uma coisa remete a outro nome que designa seu sentido”. (DELEUZE, 1998, p.33)

Planejar é sair do pensamento e das coisas que digo para a palavra, linguagem. Para que meu contato seja promotor de sentidos é preciso transformar em palavras os conceitos norteadores e a forma como o novo educativo se relacionariam com a obra.

Sendo um material educativo múltiplo, extensivo a obra e pessoal, sua forma se apresentou em um objeto individual com propriedades gráficas de replicação, aplicável em diversos ambientes dentro e fora do espaço expositivo e, assim como a obra, o uso de fitas com diferentes funções.

Ser simultâneo

Decidido em realizar um material educativo em forma de objeto, a pesquisa se concentrou em entender a função de um material educativo. Para isso buscamos modelos educativos destacados e a forma como eles foram elaborados. É unânime que as ações educativas estão comumente vinculadas a instituições como museus e espaços culturais e ligadas a ideia de mediação do público com o patrimônio artístico. Dentro disto existem muitas opiniões acerca de ensino não-formal (GOHN, 2004) e metodologias no ensino da arte (RIZZI, 2011).

De todos os educativos que tive contato, a “Caixa de Ferramentas”, educativo da 31ª Bienal de São Paulo, foi o mais influenciador no resultado do nosso objeto. Com 10 cartazes apresentam artistas e coletivos que participaram da 31ª Bienal. Nestes cartazes há textos abordando as trajetórias e os contextos de atuação dos artistas. Somados a isto são propostas ações em grupo por meio de 40 “pistas educativas” divididas em quatro grandes lentes conceituais: coletividade, conflito, imaginação e transformação. “Mais do que uma possibilidade para se relacionar com a exposição, esse material apresenta questionamentos e temáticas próprias, capazes de motivar a discussão e o trabalho dentro e fora da sala de aula.” (LOBATO, 2014). A curadoria, composta por Charles Esche, Galit Eilat, Nuria Enguita Mayo, Oren Sagiv e Pablo Lafuente, explica: “Queremos envolver as pessoas em um processo de descoberta e transformação, no qual a arte seja um meio de criar possibilidades inesperadas para aqueles que investem seu tempo e energia na experiência” (BIENAL, 2017).

Stela Barbieri, curadora do Educativo Bienal ressalta ainda: “Conseguimos reunir um grupo para construir esse material. Foi um trabalho de invenção coletiva, no qual a

palavra esteve em movimento, ativando nosso desejo de criar em conjunto” (LOBATO, 2014)

Concordando com a afirmação de Camnitzer que “é necessário introduzir noções pedagógicas na arte para atingir o rigor da criação e para melhorar a comunicação com o público ao qual o artista quer se dirigir” (CAMNITZER, 2009, p.21), a elaboração simultânea entre o educativo e a obra só poderiam provocar mesma composição e formas de contato.

Ao concluir que o meu objetivo era a relação, não havia fuga, estava inserido na Estética Relacional de Bourriaud (1998). Embora eu desejasse estar representado por esta estética, a Arte Relacional não definia conceitualmente a obra PREAMAR.

Bourriaud afirma que arte relacional é “uma arte que toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social mais do que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e privado” (BOURRIAUD, 1998, p.19). Mas ele ao apresentar os artistas e as possibilidades de participação, conexões, convívio e colaborações, constata que “uma obra suscita encontros casuais e fornece pontos de encontro, gerando sua própria temporalidade. Não se trata necessariamente de encontros com um público” e “pode funcionar como dispositivo relacional com certo grau de aleatoriedade, máquina de provocar e gerar encontros casuais, individuais ou coletivos.” (BOURRIAUD, 1998, p. 49 e 42).

A obra PREAMAR possui limites para ser completamente relacional porque aborda a provocação de relações em um espaço simbólico. Já um objeto educativo é esteticamente relacional pois se baseia em provocar e discutir as relações humanas.

Associo ao educativo também, o conceito de Experiência (DEWEY, 2010) onde ao pressupor que toda criatura viva recebe a influência do meio, a arte é também uma forma de experiência que alcança dimensão estética. Para Dewey, a experiência completa inclui o fazer, o ver, o expressar e as ideias são formadas por um fluxo como fases afetivas e práticas.

Como objeto feito para aprender, o educativo também flerta com o conceito de Objeto de Aprendizagem Poético – OAP que se

“refere a situações poéticas de aprendizagem que se propõem como aberturas a cinco dimensões que podem orientar tanto a sua criação como seu uso, análise, avaliação e observação na educação: 1) Abertura aos espaços de experiência estética, [...] b) Abertura à singularidade e pluralidade das subjetividades, [...]c) Abertura à criação de territórios de subjetivação [...] d) Abertura à imaginação [...] e) Abertura à aparição da diferença e da dissidência, [...]” (FERNANDEZ, DIAS, 2015, p.3489)

Portanto, o Educativo da obra *Preamar* é um OAP, em formato de caixa com diferentes tipos de fitas dentro. Discutindo e provocando relações, se insere na estética relacional de Bourriaud, levando ao participante a experiência pelo ver, fazer e expressar conforme Dewey.

Fazer Conectado

Por ser individual e acessível para aquisição, todas as partes do OAP possuem dimensões facilmente imprimíveis em impressoras caseiras compatíveis com papel A4. Com poucos cortes o material fica pronto.

Assim, desenvolvemos uma caixa baixa com tampa separada em formato retangular que coubessem lado a lado duas fitas de papel com o comprimento de 21 centímetros de comprimento e quatro centímetros de largura. Na tampa vem escrito o nome do educativo e a frase “Educativo PREAMAR”.

Me perguntei quais os tipos de fitas e provocações poderiam haver dentro desta caixa. Lembrei das frases que escrevi naqueles dias turbulentos. As afirmações eram muito pessoais, mas a sua escrita não trazia a intimidade de forma literal, podendo ser entendido de formas diferentes. As palavras que eu escrevi precisariam de outras palavras para explicarem sobre mim (lógica do sentido). Essas frases se tornaram o início, o que poderia haver de mais verdadeiro.

A essas frases escritas em fitas soltas de papel dei o nome de “Fitas Relato”. Pelo dicionário, relato é o ato ou efeito de relatar (relação), é a exposição escrita ou oral sobre um acontecimento. A escrita destas frases foi o desejo da relação feito de forma inconsciente, norteadora dos discursos que possam surgir.

Para que haja comunicação e aprendizado, o OAP tem que possibilitar respostas em mecanismos de retorno, um caminho de encontro. Como a provocação chega per meio de fitas, os resultantes da relação também serão por meio de fitas. “Fitas Discurso” são fitas de papel adesivas, em branco pronto para serem escritas ou desenhadas e aplicadas onde desejar (inclusive no próprio corpo ou no de outras pessoas).

Até este ponto a relação já é possível e o educativo podem funcionar como diálogo, mas faltava as formas como os contatos se iniciariam e aconteceriam. Para exercer esta mediação seria preciso uma explicação que tornasse o educativo possível em outros locais.

Como não tenho como prever os espaços onde as pessoas estarão ativando este OAP, proponho espaços/tempos com diferentes níveis de profundidade, obrigatoriedade e estados. Esta parte tem por objetivo incentivar uma forma de contato. Um recado deixado para ser lembrado. Esta parte do educativo chamo de “Bilhete”, 12 oportunidades de lembrar.

Por fim, há o manual de como usar todos esses materiais em um pequeno livreto. Nele contém fotos da obra, carta aos mediadores, professores e ao público, textos curatoriais, o porquê do educativo e como deve ser usado, como acontece e quais os seus componentes.

Mas ainda faltava algo. Todo o educativo se voltava para as palavras e seus sentidos, mas e quando as palavras não conseguirem trazer o significado? Como fiz uso de fitas para trazer todos os meus sentidos e desejo por relação, proponho também usar uma fita para os momentos que nossa comunicação verbal e escrita

não for capaz de criar contatos. A essa fita de tecido 5 metros de comprimento dou o nome de “fita Contato”, possibilitando o toque entre si de duas ou mais coisas.

Elo

Com o nome ELO, este educativo foi pensado para ser manuseado de diversas formas, por pessoas diferentes em espaços e tempos diversos, com o propósito de promover novas relações. Pelo caminho da aproximação e da concordância, este educativo, com estruturas poéticas simultâneas à obra de referência, fala ao íntimo porque surgiu do íntimo. Um Objeto de Aprendizagem Poético - OAP, composto de cinco componentes, com design simples para reprodução. (Figura 7).



Figura 7. Felipi Santos – ELO – Educativo PREAMAR, 2017 papel e fita de tecido. Fonte: Produção do autor.

Por ser extenso para as dimensões deste escrito, disponibilizo o arquivo do Objeto Educativo para impressão pelo *link*: <<https://bit.ly/2SvjHR3>>. Não trago também explicações sobre os textos escrito nele, pois o interesse é a abertura e as multiplicidades de interpretações que podem ser criadas na relação com o objeto e com as pessoas.

SANTOS, Felipi Souza dos. Elo: objeto de aprendizagem poético como uma construção simultânea entre obra, artista e educativo, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1506-1522.

ELO, é um OAP que trabalhou intensamente comigo porque responde a perguntas que venho fazendo a anos de forma íntima e agora se tornam públicas. Este processo me deixa como em mar aberto. Ainda que inseguro, preparado para tomar fôlego e mergulhar em águas mais profundas.

Se este mergulhar me levar a profundidades maiores, espero que as investigações sobre o funcionamento de educativos nas plataformas digitais móveis, em realidades virtuais e em redes possam tocar, de modos novos, mediações que contemplem a interatividade e os sistemas autônomos. Ao serem capazes, espero que trabalhos artísticos surjam posteriores aos seus educativos, de modo a não discernir a existência de um sem a existência do outro.

Referências

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998.

BAUMAN, Zigmund. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ARANTES, Priscila. **Estéticas tecnológicas paradigmas contemporâneos**. In: Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. In: Anais do 16º Encontro Nacional da ANPAP. Sandra Regina Ramalho e Oliveira; Sandra Makowiecky. (Org.). Florianópolis: ANPAP, UDESC, 2007. ISBN 978-85-61136-02-04 (v.1); ISBN 978-85-61136-03-1 (v.2). 2007.

REY, Sandra. **Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais**. R. Artes Visuais, v. 7, n. 13, 1996. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27713>>. Acesso em: Out. 2017.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. (trad. Vera Ribeiro; introd.: Abraham Kaplan) São Paulo: Martins, 2010.

FERNANDEZ, Tatiana. DIAS, Belidson. **Objetos de Aprendizagem Poéticos: Máquinas para Construir Territórios de Subjetivação**. Simpósio 8 – Pesquisa em educação e metodologias artísticas: entre fronteiras, conexões e compartilhamentos. 24º Encontro ANPAP, 2015.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.

CAMNITZER, Luis, PÉREZ-BARREIRO, Gabriel (org.) - **Educação para a arte, arte para a educação**. Cosac Naify, 2010.

SANTOS, Felipe Souza dos. Elo: objeto de aprendizagem poético como uma construção simultânea entre obra, artista e educativo, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1506-1522.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais: espaços de educação não formal da sociedade civil.** Universia, 2004. Disponível em: <http://www.universia.com.br/html/materia/materia_dcfa.html> Acesso em: 15 Out. 2015

LOBATO, Vivian. **CONHEÇA O MATERIAL EDUCATIVO DA 31ª.** Artigo Disponível em: <<http://www.bienal.org.br/post.php?i=616>> Acesso em: 15 Out. 2017

BIENAL. **Educativo da 31ª Bienal de São Paulo.** 2014

RIZZI, MARIA C.S.L. **Caminhos Metodológicos.** In. BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte.* São Paulo: Cortez, 2012, p. 69-77.

Felipi Souza dos Santos

Mestrando pela Universidade de Brasília - UnB em Imagem, Visualidade e Urbanidades – IVU, é bacharel em Artes Plásticas e licenciado em Artes visuais pela mesma instituição. Especialista em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico pela Universidade Aberta do Brasil - UAB, atualmente cursa especialização em Design Estratégico pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Bolsista de pesquisa, atua como pesquisador no programa de Empregabilidade – “Qualifica Brasil”. Contato: felipiart@gmail.com.